

# Reflexões sobre o desafio de formar jovens leitores

***Disciplina: Língua Portuguesa Fund II***

Selecionador: Manuela Prado

*Categoria: Professor*

## Reflexões sobre o desafio de formar jovens leitores

Longe do que poderiam imaginar os mais ingênuos, uma característica que marca a personalidade dos professores de Língua Portuguesa não é a obsessão pelas regras gramaticais ou o culto a autores clássicos. Asseguro que uma característica que une a categoria é a ambição. Entre todos os docentes de uma escola não há nenhum mais ambicioso do que o professor de Língua Portuguesa. Muitos poderiam imaginar, erroneamente, que o professor de Matemática fosse o mais ambicioso, só porque trata com números e quantias. Mas essa seria uma interpretação muito literal. Todos os dias, o professor de Língua Portuguesa dedica-se a uma tarefa considerada utópica: quer despertar em seus alunos o desejo de ler. Quer, por exemplo, que com a chegada das férias, seus alunos exclamem: "finalmente terei tempo para ler mais". O professor de Matemática, por exemplo (talvez por modéstia) não alimenta tamanha expectativa, jamais pensou ouvir "agora sim terei tempo livre para resolver as equações que quiser". Eis a ambição do professor de Língua Portuguesa, formar um aluno que, mesmo longe da escola, leia muitos livros por vontade própria.

Para alcançar sua pretensão e tornar a leitura desejável, o que o professor pode fazer? Uma das estratégias mais frequentes é apresentar a leitura destacando a característica que parece mais atraente nela: sua capacidade de construir novas realidades e apresentar universos que só poderíamos conhecer através da ficção. É verdade que alguns livros são capazes de nos arrebatam, de garantir momentos de intensidade rara e que por eles guardamos sempre os sentimentos mais sinceros. Mas também é verdade que esse tipo de vínculo não caracteriza todos os livros que compõem nossa biblioteca particular, assim como também não é verdade que tamanho encantamento foi alcançado logo na primeira leitura. Faz parte do processo de qualquer leitor a superação de dificuldades, o esforço (Leme Britto, 2007). Todos nós somos capazes de nos lembrar de obras que amamos e de obras que foram difíceis de amar. Prometer para os alunos satisfação imediata é um caminho arriscado. Ao deparar com problemas como uma construção desconhecida, uma dúvida sobre o enredo ou a necessidade de reler um trecho a fim de compreendê-lo, nosso jovem leitor poderá sentir-se frustrado e, por que não dizer, enganado por todos aqueles que

Ihe prometeram uma viagem pelo mundo da fantasia. "Só eu não chego lá, melhor procurar outra coisa para fazer". E um erro é omitir esta informação preciosa: a atividade de leitura é uma construção, para alcançar o prazer não basta decodificar a língua, o leitor terá de dominar uma série de habilidades e competências que o ajudaram a superar as dificuldades impostas pelas obras (Leme Britto, 2007). Um livro como *Vidas Secas*, por exemplo, de Graciliano Ramos, só será apreciado por leitores que souberem reconstituir um enredo apresentado sem a linearidade do tempo cronológico. Um leitor que não domina essa habilidade dificilmente conseguirá reconhecer as qualidades da obra e desfrutar sua leitura.

A segunda estratégia utilizada com frequência pelos professores, de certa forma, inverte a lógica da primeira. É um recurso artiloso, que parte da seguinte premissa: em nosso corpo discente há enorme resistência à leitura, os alunos estão distantes dessa atividade e não parecem suscetíveis a nenhuma forma de sedução ou aproximação. Afinal, não há um só professor que nunca tenha ouvido: "Ler? Para quê? Prefiro o filme." Pensando nesses que parecem totalmente contaminados pela imagem negativa da leitura, alguns educadores tentam ludibriar o estudante e emprestam de outras atividades os atrativos que irão despertar a motivação para a leitura. Assim criam-se competições e gincanas envolvendo a distribuição de prêmios para os leitores mais vorazes. Entusiasmado com o jogo, o aluno poderia distrair-se um pouco daquela velha ideia ("a leitura é uma chatice") e, sem perceber, passaria a se envolver com o livro de outra forma. Mas a própria estratégia pode apresentar algumas armadilhas: mesmo que a atividade proposta consiga atingir seu objetivo e liberar o jovem da antiga resistência, imaginem como ele irá reagir quando novamente deparar com dificuldades para compreender aquilo que lê. Uma hipótese: lembrará da velha ideia e no ímpeto de ganhar o troféu, poderá recorrer a subterfúgios, tais como resumos disponíveis na internet. E assim as ambições do professor irão naufragar por hora.

Sabemos que é importante aproximar fisicamente alunos e livros e garantir que o acervo da escola circule vivamente entre os estudantes. Sem acesso a livros, sejam eles de papel ou digitais, não há como formar leitores, por isso qualquer estratégia que privilegie esse encontro é um passo importante. O próximo passo é criar situações que permitam ao professor auxiliar o aluno nas dificuldades impostas pela leitura. Um

estudante só será de fato autônomo quando dominar as competências e estratégias necessárias para construir o sentido de um texto e, para isso, precisa do auxílio do professor (Leme Britto, 2011). Muitas vezes, os leitores mais experientes não têm consciência das operações que realizam para compreender um texto, porque elas ocorrem simultaneamente ao processo da leitura. Na escola, professor pode criar diferentes situações para que essas operações sejam externalizadas e problematizadas e para que, assim, os desafios impostos pelo texto possam ser enfrentados coletivamente (Colomer, 2007).

É preciso que a leitura literária faça parte do cotidiano escolar e que as obras consideradas desafiadoras sejam abordadas também dentro da sala de aula. É possível organizar atividades em diferentes formatos – leituras compartilhadas por toda a classe, por pequenos grupos, por duplas ou individuais com o auxílio de um questionário – para que os alunos possam expressar suas dificuldades e compartilhar estratégias para solucioná-las. Essa é uma maneira de garantir que as crianças menos experientes possam descobrir como outros leitores lidam com dificuldades (Colomer, 2007).

A condução de aulas com esse objetivo exigirá do professor uma escuta atenta dos estranhamentos que o texto gera em seus alunos. Os empecilhos que paralisam estudantes diante de uma obra são variados e não se limitam ao vocabulário, podem estar relacionados à compreensão da reação de um personagem, a uma mudança de espaço repentina ou mesmo a uma característica específica de um gênero ao qual não estejam familiarizados. Esse era o caso, por exemplo, de uma menina que não avançava na leitura do livro *O mistério do 5 estrelas*, de Marcos Rey, porque não conseguia lidar com a quantidade de situações sem solução logo no início da trama, a garota não sabia que em narrativas de enigma as dúvidas fazem parte do processo e o mistério só é desvendado no fim do livro.

Compartilhar a leitura de um texto ou de uma obra é também uma forma de construir significado com todo o grupo (Colomer, 2007). Para compreender o sentido dessa afirmação, podemos lançar mão de um exemplo de atividade de leitura comum fora da escola: as reuniões que grupos religiosos fazem para ler seus livros sagrados. O que motiva a leitura nesses casos não é o mero desejo de superar uma dificuldade

encontrada para compreender o texto, é a vontade de compartilhar o sentido com outras pessoas. Essa dimensão socializadora da leitura também está presente nas aulas de Língua Portuguesa nos momentos em que se lê junto com os alunos. "Socializador" aqui tem o sentido de tornar a reflexão coletiva, compartilhada entre todos. Se no caso dos grupos religiosos a seleção das obras já está dada, na escola o professor é responsável por criar os critérios que definirão o livro a ser lido por todos. Ele não precisa se ater a fatores moralizantes; uma boa obra será aquela que desperta questões significativas em seu grupo de alunos e permite que eles ampliem os seus conhecimentos sobre o mundo. É na escola também que os alunos terão a oportunidade de conhecer livros fundamentais para a história da humanidade e para a formação de determinada cultura que dificilmente conheceriam fora dela.

Para que nossos alunos leiam por vontade própria, talvez seja necessário ajustar as expectativas dos professores. No lugar de tentar despertar um desejo, podemos investir mais na consolidação de espaços dentro da escola que permitam a construção do sentido do ato de ler. Se perceber que a leitura é uma forma de refletir sobre o mundo, que ela nos torna mais hábeis para enfrentar a vida, nosso aluno terá mais chances de optar por ler muitos livros, mesmo longe da escola.

#### **Bibliografia:**

- LEME BRITTO, L. Sobre o processo de formação do gosto e a constituição do leitor. *Prazer em ler*, v. 2, p. 25-30, 2007.
- LEME BRITTO, L. O papel da biblioteca na formação do leitor. *Biblioteca escolar, que espaço é esse? Salto para o futuro*, Boletim 14, outubro, 2011. Disponível em: <http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/14051114-BibliotecaEscolar.pdf>
- COLOMER, T. Ler com os outros. In: \_\_\_\_\_. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo, Global, 2007. p. 143-158.